

## **A FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DA GEOGRAFIA CULTURAL RENOVADA**

### **META**

Compreender o perfil da fundamentação filosófica da geografia cultural renovada.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

ser capaz de estabelecer uma caracterização sintética sobre a base filosófica (epistemológica) que fundamenta a geografia cultural renovada, que se estabeleceu desde a década de 1970. Com base nessa caracterização será possível o (a) aluno (a) estabelecer o paralelo (e contraste) entre a base filosófica (epistemológica) da geografia cultural tradicional e a geografia cultural renovada, ampliando, assim, o nível de sua fundamentação acerca da evolução histórica da Geografia Cultural.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Aula 03.

### INTRODUÇÃO

Caro aluno, veremos nesta aula a base epistemológica que fundamenta a Geografia Cultural Renovada que se estabeleceu a partir da década de 1970. Por “base epistemológica” entende-se a fundamentação filosófica na qual está apoiada Geografia Cultural Renovada. Tal como observado nas aulas precedentes, a evolução histórica da Geografia Cultural - cuja gênese remete aos clássicos da Geografia Moderna (F. Ratzel, P. V. de La Blache; Otto Schlüter; C. Sauer) - foi marcada, a partir da década de 1970, por uma profunda crise. Em verdade, como será visto nesta aula, esta crise da Geografia Cultural reflete, pontualmente nessa disciplina, uma crise mais ampla que desde meados do século XX, mas, sobretudo, na década de 1970, atinge a ciência Geográfica em geral. Uma das razões mais fundamentais desta crise foi, no plano interno da ciência Geográfica, a crise das bases epistemológicas que sustentavam, então, a disciplina.

### **SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA GEOGRAFIA CULTURAL RENOVADA: UMA APRECIÇÃO SINTÉTICA**

Para caracterizar e compreender, desde o ângulo da epistemologia, o significado da renovação que a Geografia Cultural conheceu, notadamente à partir da década de 1970, é preciso colocar em perspectiva, ainda que panorâmica, a própria evolução da Geografia Cultural para, em seguida, caracterizar, efetivamente, os atributos epistemológicos da Geografia Cultural Renovada.

Nesse sentido, cabe lançar mão de uma sistematização, dentre outras, panorâmica sobre a evolução da Geografia Cultural. Em seu texto Sobre a Geografia Cultural, Roberto Lobato Corrêa (2007, p.11), recorre, com o propósito de caracterizar essa disciplina, à sistematização da história da Geografia Cultural estabelecida pelo geógrafo francês Paul Claval, para quem essa disciplina conheceu, basicamente, 3 fases, a saber:

- i) Fundação (1890 – 1940): A Geografia Cultural era, então - notadamente na Alemanha, na França e nos Estados Unidos – desenvolvida focalizando o eixo temático da paisagem cultural e os gêneros de vida. Deste eixo central, a Geografia Cultural desta primeira fase contemplou outras temáticas associadas à dimensão material da cultura, dentre elas: a ecologia cultural ou o papel do homem na destruição da natureza; a região cultural; a difusão cultural.
- ii) Retração (1940 – 1970): Trata-se da fase marcada, sobretudo, pela retração da geografia cultural, que passou a ser secundarizada em função de dois eventos fundamentais no que diz respeito às transformações paradigmáticas que a evolução do pensamento

geográfico conheceu no século XX. Em primeiro lugar, a Geografia Cultural foi, no período em tela, eclipsada pelo papel de destaque mundial que a proposta teórica desenvolvida por Richard Hartshorne, assumiu na ciência geográfica, estabelecendo efetivamente um novo Método Regional como paradigma da geografia moderna. Outro evento que explica a retração da Geografia Cultural no período foi a revolução teórico - quantitativa que buscou corresponder às demandas do novo momento de expansão que o sistema capitalista conheceu no pós-II Guerra Mundial. É sob esse contexto que, segundo Corrêa, a “preferência mudou dos estudos sobre paisagens culturais, habitat rural, sistemas agrícolas e difusão cultural para estudos sobre lógicas locacionais e estudos urbanos, entre outros. O trabalho de campo foi em grande parte substituído pelas inferências estatísticas”.

iii) Renovação (1970 – período atual): Configura o período marcado pela radical reformulação da Geografia Cultural. Trata-se, de fato, do rebatimento, na esfera estrita da Geografia Cultural, das profundas transformações que a partir da década de 1970 converteram o debate teórico da ciência geográfica como um todo numa verdadeira arena de disputas epistemológicas, teórico-metodológicas, cujo fruto mais conhecido foi a Geografia Crítica. De fato, a Geografia Cultural Renovada estará efetivamente estabelecida na década de 1980 e, já na década seguinte, irão surgir as revistas especializadas que terão um importante papel da difusão da renovação dos estudos em Geografia Cultural. Dentre os periódicos representativos desse papel Corrêa destaca: na França, Géographie et Cultures editado por Paul Claval em 1992; Cultural Geographies editado nos Estados Unidos em 1994; e na Inglaterra o periódico Ecumene, também em 1994; além do periódico de língua inglesa Social and Cultural Geography e de várias coletâneas que, desde a década de 1990, tiveram um papel central na promoção da Geografia Cultural Renovada. Caberia, por fim, destacar, no Brasil, a criação do Núcleo de Estudos de Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC), no Departamento de Geografia da UERJ. Este núcleo constituiu-se no principal centro de difusão sistemática, nesse país, da Geografia Cultural Renovada, sendo responsável por editar a coleção de livros Geografia Cultural e o periódico Espaço e Cultura, além da revista eletrônica Textos NEPEC.

Com base nessa sistematização da evolução da Geografia Cultural, cuja renovação integra o terceiro e último estágio, cabe, agora, qualificar o que caracteriza a Geografia Cultural Renovada pós-1970 sob o ângulo da epistemologia.

Tal como amplamente reconhecido, como em Moraes (1981) e Andrade (1987), a Geografia Tradicional, ou seja, o período que abarca desde a sistematização da Geografia Moderna com A. Von Humboldt e Karl

Ritter até a década de 1970, os principais paradigmas da geografia foram fortemente tributários do pensamento filosófico positivista, desenvolvida pelo filósofo Auguste Comte, como principal base epistemológica de sua estruturação como ciência moderna. Assim, o positivismo se impôs como fundamento epistemológico predominante da Geografia Tradicional a despeito, mesmo, do paradigma do Método Regional desenvolvido por Richard Hartshorne, fortemente influenciado pelo neokantismo (ou seja, da nova leitura do pensamento do filósofo alemão Emmanuel Kant) desenvolvida por Rickert e Windelband (MORAES, 1981). Por extensão, de acordo com a sistematização acima apresentada, as fases da Geografia cultural que precedem a renovação que se desenvolveu a partir da década de 1970, são, também, fortemente tributárias de uma base epistemológica dominante, qual seja: o positivismo.

A distinção entre uma Geografia Cultural Tradicional e a Geografia Cultural Renovada irá expressar-se, também, em relação à base epistemológica que as fundamenta. Assim, cabe questionar, desde a indicação sucinta do perfil dominante da fundamentação epistemológica da Geografia Cultural Tradicional calcada na filosofia positivista: qual o perfil da fundamentação epistemológica que caracteriza a Geografia Cultural Renovada? Em que medida esse perfil se distingue em relação às fases precedentes à renovação da Geografia Cultural?

Nesse sentido, caberia destacar a contribuição de Duncan (2000) sobre o tema, para quem o atributo mais marcante - do ponto de vista epistemológico da Geografia Cultural Renovada - diz respeito à diversidade de fundamentação em matrizes epistemológicas distintas. Ou seja, tal como salientou Correa “a geografia cultural não se constitui em um sub-campo caracterizado por uma uniformidade epistemológica, presa a uma ortodoxia. A partir de 1980 torna-se nitidamente claro que a geografia cultural pode ser epistemologicamente definida como uma **heterotopia**. Nesta heterotopia epistemológica estão ora justapostas, ora combinadas, matrizes distintas e posições individualizadas”. Trata-se, aí, de uma distinção básica de fundamental importância para compreender a diferença que a Geografia Cultural Renovada representou em relação às fases precedentes da Geografia Cultural.

Em seu artigo Após a Guerra Civil: Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia Duncan (2000, p. 65) se posicionou acerca desse atributo da renovação da Geografia Cultural nos seguintes termos: “estou sugerindo que concebamos a geografia cultural não com um único espaço disputado de poder/conhecimento, mas como uma espécie de heterotopia epistemológica que, segundo Foucault (1986, p.25), “é capaz de justapor vários espaços num só lugar real, vários espaços que são em si mesmo incompatíveis”. E, para sublinhar ainda mais a heterotopia como atributo básico fundamental da epistemologia da geografia cultural renovada, o mesmo autor acrescenta que

### heterotopia

Epistemológica entende-se a diversidade e pluralidade de matrizes de fundamentação filosófica que sustentam a pesquisa em Geografia Cultural a partir da década de 1970 até os dias atuais. Trata-se, conforme visto, de uma mudança significativa em relação às fases precedentes, caracterizadas, no que diz respeito à esfera epistemológica, pelo predomínio da filiação positivista.

[...] a geografia cultural contemporânea, como muitas outras disciplinas no presente, não é mais um espaço de partilha de um projeto intelectual, mas sim um espaço institucional, contendo diferenças epistemológicas importantes. Tal razão, entretanto, afasta-nos do projeto do iluminismo e de uma de suas escoras principais: a estrutura da universidade moderna, baseada em disciplinas. Apesar de a maioria dos geógrafos culturais ainda abraçar o projeto moderno de unidade, o objeto da geografia cultural fragmenta-se e divide-se em pluralidade e diferença, com futuros múltiplos, moldados por múltiplos passados. [...] Enquanto geógrafo cultural, aplaudo essa riqueza e, dentro do espírito de um novo pós-modernismo, sugiro que a celebremos, em vez de tentarmos discipliná-la (DUNCAN, 2000, p.65).

Ainda, com o propósito de ilustrar de modo mais evidente a heterotopia epistemológica que caracteriza a Geografia Cultural renovada, caberia destacar a avaliação da Geografia Cultural Norte-Americana realizada por Myers, McGeevy e Kenny (2003 apud CORRÊA, 2007) que, para esses autores, está fundamentalmente dividida em 3 perspectivas epistemológicas básicas: (a) A corrente humanista; (b) A corrente pós-estruturalista e (c) A corrente marxista.

A corrente humanista é, tal como indicou Corrêa (2007), tributária do pensamento filosófico fenomenológico, notadamente desenvolvida por Edmund Husserl e **Martin Heidegger**, que marcaram a partir da Alemanha, de modo inequívoco o pensamento filosófico do século XX, sendo mesmo, considerado, por muitos teóricos de diversos campos da ciência, uma das mais importantes correntes filosóficas contemporâneas. A repercussão do pensamento filosófico fenomenológico desenvolvido por esses filósofos de língua alemã foi intensa nos principais centros mundiais de produção do pensamento filosófico, bastando, para citar os exemplos mais notórios na França, a sua importância nas obras de filósofos franceses como Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty. Na Geografia, o maior expoente da assimilação da fenomenologia foi, sem dúvida, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Tal como indicado por Corrêa (2007) o foco desta corrente humanista vincula-se à problemáticas vinculadas aos significados e valores associados à interpretação das paisagens.



Martin Heidegger



Yi-Fu TUAN

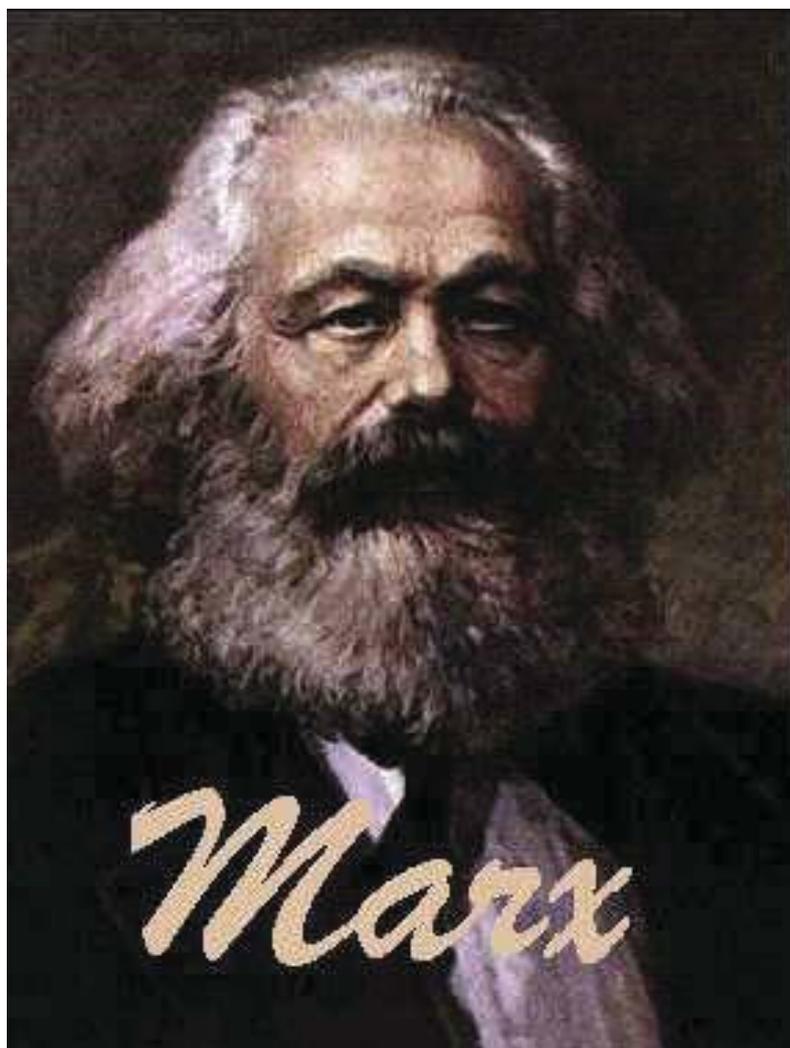
No que diz respeito à corrente pós-estruturalista, destaca-se a enorme diversidade de perspectivas nas quais ela se desdobra a reboque de sua crítica ao positivismo e ao estruturalismo. Segundo Corrêa (2007), o elemento unificador das perspectivas que integram a corrente pós-estruturalista é a renúncia em aceitar uma interpretação unívoca, isto é, única, sobre a sociedade e seu espaço. Dentre os pensadores que se destacam na constituição dessa corrente destacam-se, segundo o referido autor, os nomes de Foucault, Said e Geertz. Os estudos sobre as formas simbólicas espaciais (CORRÊA, 2007) e sobre a política de assimilação da paisagem do reino de Kandy, no Sri Lanka (DUNCAN, 1990), podem ser citados como exemplos dessa abordagem no âmbito da Geografia Cultural Renovada.



Michel Foucault  
(Fonte: <http://www.michel-foucault.com/gallery/pictures/foucaulta16.html>)

A corrente marxista é marcadamente de grande influência na renovação da Geografia Cultural a partir da década de 1970. Corrêa (2007) destaca, nesse sentido, as importantes contribuições de David Harvey e Richard Peet na discussão sobre a temática das formas simbólicas espaciais sob uma perspectiva crítica-marxista, elegendo como estudo de caso, respectivamente, a Basílica de Sacré-Coeur em Montmartre (Paris); e um monumento na cidade da Nova Inglaterra. J. Mitchell, por sua vez, é outro geógrafo cultural citado por sua contribuição nessa corrente ao abordar a polêmica temática

sobre a natureza da cultura. De acordo com Corrêa (2007) a influência do marxismo na renovação da Geografia Cultural advém de um duplo aporte: por um lado a geografia social inglesa e; de outro lado pelo contato com os membros do Centre for Contemporary Cultural Studies (Birmingham), destacando-se, nesse âmbito, o papel de dois fundadores do famoso periódico de esquerda New Left Review: Stuart Hall e Raymond Williams.



Karl Marx  
(Fonte: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/foto17.htm>)

Temos assim, através dos painéis que apresentam os atributos epistemológicos da Geografia Cultural Renovada, acima indicados, elementos para distingui-la das fases precedentes à renovação que a Geografia Cultural conheceu em sua trajetória. Trajetória esta que, a propósito, continua, atualmente, sua marcha em pleno vigor.

### CONCLUSÃO:

A Geografia Cultural possui uma larga história como sub-campo da ciência geográfica. Atualmente a pesquisa nesse sub-campo alimenta-se do impulso e das possibilidades que o movimento de renovação que se desenvolveu a partir da década de 1970, ofereceu na constituição de uma Geografia Cultural Renovada. Dentre tantos atributos que caracterizam esta fase recente da Geografia Cultural, a presente aula procurou chamar à atenção para o perfil de sua fundamentação epistemológica. Quanto a esse atributo, o traço distintivo, que permite gerar um contraste com as fases precedentes da evolução da Geografia Cultural, está relacionada com a heterotopia epistemológica. Por heterotopia epistemológica entende-se a diversidade e pluralidade de matrizes de fundamentação filosófica que sustentam a pesquisa em Geografia Cultural a partir da década de 1970 até os dias atuais. Trata-se, conforme visto, de uma mudança significativa em relação às fases precedentes, caracterizadas, no que diz respeito à esfera epistemológica, pelo predomínio da filiação positivista.



### RESUMO

Nesta aula procuramos ampliar nossa competência no que diz respeito à caracterização da Geografia Cultural como sub-campo da ciência geográfica. Para tanto, o caminho escolhido diz respeito ao perfil da fundamentação epistemológica dessa disciplina. Na medida em que as pesquisas atuais são tributárias do movimento de renovação que a Geografia Cultural conheceu à reboque das profundas mudanças paradigmáticas que atingiram as ciências humanas a partir da década de 1970, o foco de nossa aula irá incidir sobre os atributos da fundamentação epistemológica associados à Geografia Cultural Renovada. Nesse sentido, revelou-se ser a heterotopia epistemológica, compreendida como diversidade de matrizes de fundamentação filosófica (fenomenologia, pós-estruturalismo, marxismo), o elemento básico e fundamental da base epistemológica da Geografia Cultural Renovada.



### ATIVIDADES

Distinga a Geografia Cultural Renovada das fases precedentes da Geografia Cultural destacando os atributos básicos das principais perspectivas que compõem o panorama da heterotopia epistemológica que lhe é característica.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O aluno deverá ser capaz de caracterizar as três perspectivas epistemológicas básicas da geografia cultural renovada: a corrente humanista, a pós-estruturalista e a maxista.

## AUTO AVALIAÇÃO

O aluno deverá ser capaz de estabelecer uma caracterização sintética sobre a base filosófica (epistemológica) que fundamenta a geografia cultural renovada, que se estabeleceu desde a década de 1970.



## PRÓXIMA AULA

Na nossa próxima aula, veremos como se dá a transmissão da cultura dentro da sociedade. Uma vez feito um panorama geral da geografia cultural nessas cinco primeiras aulas, veremos na unidade 02 diversos exemplos de abordagens geográficas da cultura.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de. **Geografia, Ciência da Sociedade**. Editora Atlas, 1987.
- CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Textos NEPEC n°3: UERJ, set. 2007.
- DUNCAN, James S. Após a Guerra Civil: Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- MORAES, A. C. Robert de. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.